A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 22 | Domingo 28 de maio | 1893

BARROS GOMES

Isto, agora, de pensar e lidar em cousas africanas não custa canceiras e semsaborias, e está dando até muita honra e proveito aos que mais atanasaram os primeiros carolas com os seus bellos desdens e sarcasmos de espiritos superiores e finos.

Muito finos, principalmente.

É uma diversão tranquilla e facil, relativamente agradavel, ás vezes, tanto mais confortativa, quasi sempre, quanto mais se demorou a gente em saber onde ficavam e para que podiam servir as colonias.

Não foi assim, n'outro tempo.

Bem menos commodo, muito menos facil e divertido era, então, andar matraqueando o espirito embotado do publico e o criterio, sempre, faticamente, retardatario das instituições e dos politicos com a perspectiva iriada dos fomentos e dos imperios coloniaes; com a massada dos deveres de tradição, de honra, de segurança commum; com a licção singella e pratica, que ninguem queria ouvir, dos grandes e redemptores interesses ultramarinos.

Foi uma dura e ingrata campanha. Poucos se lembram, até porque eram raros os que n'ella se aventuraram. Pouquissimos a conhecem e comprehendem, mas em compensação muitos, ainda, arrenegam d'ella. E não são precisamente os que só d'ella guardam talvez a formidavel licção de que melhor lhes teria sido emigrar, como fazem os meus sensatos patricios de Traz-os-Montes, do que dar o tempo, o trabalho, o dinheiro, todas as energias da vontade, todas as facilidades de tranquillo e afortunado futuro, á pregação mofina. Não: são os que vieram depois, muito folgados da sua vida, e encontraram aberto o caminho por onde iriam colhendo, não já os grossos ridiculos e as irritantes chalaças de sonhadores e ingenuos, mas honrarias e proveitos bem mais praticos e saudaveis. Ingratos!...

Sempre que a desastrada memoria me foge para esse tempo, — que já parece fabuloso comparado ao de agora, — lembro-me immediatamente de Bernardino Antonio Gomes, aquelle velho terso e energico que tantas vezes me estimulou e envergonhou, com o exemplo da sua tenacidade patriotica, os meus impetos e brios de rapaz. Foi a primeira victima da nossa febre africanista, como, quando elle morreu, me dizia em prevenção amiga o Sousa Martins.

Conheci-o primeiro do que ao filho.

Physicamente pouco se pareciam os dois. Differiam inteiramente no trato, no temperamento, na palestra: — um nervoso, sacudido, expedito, irritavel, de palavra que se afoguiava breve e facilmente; — o outro, fleugmatico, pausado, pouco expansivo, dominando a palavra e recalcando muitas vezes os impetos interiores n'uma disciplina polida como uma couraça de gala. E comtudo, frequentemente me acontece, lendo ou ouvindo Barros Gomes, conversando com elle, sentir de subito o lampejo quente do espirito do illustre medico atravessar essa palavra tão habilmente educada e pautada.

Mas na intelligencia e no caracter: — na maleabilidade e nas aptidões e tendencias scientificas d'aquella, e no fundo bom, generoso, honesto, do segundo, é que Barros Gomes continua, para os que conheceram Ber-

nardino Antonio Gomes, a memoria d'este, como n'uma especie de perfeita copia ou identificação moral.

Barros Gomes não se destinava á politica.

Pouco se lembram naturalmente que se perdeu n'elle um astronomo apaixonado ou um excellente engenheiro, e é bem de crêr que nas suas observações do microcosmo politico ou nas suas contendas com elle, o antigo estudante laureado da Escola Polytechnica se lembre muitas vezes com funda saudade d'aquella outra astronomia que primeiro lhe ensinou a elevar os olhos e o espirito para as cousas altas e luminosas.

Mas quatro annos depois de terminado o curso, Torres Novas, convenientemente sugestionada por um desvanecimento domestico ou por um ministro amigo, poz-lhe nas mãos o mandato de deputado, — que é precisamente o inverso de uma carta de alforria, — e, como me dizia uma vez Sampaio, em o torvelinho politico nos alcançando não ha mais fugir-lhe.

Barros Gomes pertenceu desde então á politica.

A sua educação scientifica, os seus habitos e tendencias de estudo, não deixaram nunca de reagir e tental-o. Procurou conciliar um pouco as cousas, dedicando-se a trabalhos de economia financeira e de administração publica.

Conservo ainda a agradavel recordação do convivio que fizemos os dois, e um terceiro, o Pereira de Miranda, meu condiscipulo no grego que nenhum de nós ficou sabendo, quando ahi por 1878, nos encontrámos procuradores á juncta geral do districto de Lisboa.

Fizemos mesmo, os tres, a pequena conjuração de que sahiu o primeiro projecto de formação do municipio authonomo, — metropolitano, como então lhe chamámos, — de Lisboa, emquanto Fuschini bulhava com o Arrobas e o Conde de Restello que ainda estava para o ser, procurava debalde commover-nos sobre os destinos do seu querido conselho de Belem.

Como tudo isto parece antigo! Perde-se até «na noite dos tempos,» não é verdade?

E comtudo, — deixem-nos este desvanecimento, — ainda hoje se anda em buscas e ensaios da solução que nós então muito calada e modestamente estudámos e proposémos.

Todos eramos, já, politicos, e até politicos de campos adversos que não se podiam vêr e entender. Mas eramos antes d'isto e melhor do que isto tres rapazes de boa fé, que tomavamos a sério os nossos mandatos e entendiamos que o bom senso, a administração, os interesses justos dos nossos constituintes valiam muito mais do que as paixões e intrigas dos politicos de profissão. Entendemo-nos perfeitamente.

E o que não chega a ser curioso, porque é vulgar e acontece, decerto, a toda a gente: — sempre que a politica, a má, a pequena, a falsa politica, não se metteu de permeio, continuámos a entender-nos sem grandes duvidas e trabalhos. Mas... vão lá evitar, a maldita!

Se pensasse em fazer um ligeiro esboço biographico, que fosse, de Barros Gomes, é claro que teria obrigação de acompanhal-o na sua vida publica, de dizer o que toda a gente sabe: que elle foi ministro da fazenda, da marinha, dos extrangeiros; de relatar, embora summariamente, a sua obra de ministro; de falar d'elle como deputado, como par do Reino, como conselheiro de Estado, como Director do Banco, como politico, como economista, como financeiro, em summa. Nem por sombras pensei n'isso.

Como politico, n'um sentido um pouco mais elevado do que o sentido commum da palavra, póde dizer-se que tem na nossa politica a singularidade de ser um nome internacional, um nome historico. Foi o Ministro do *Ultimatum*.

Foi. É isso.

Fazem-lhe d'isso uma accusação, uma injuria? Não chega a ser uma injustiça: é uma estupidez. Em bocca ou penna portugueza póde então parecer outra cousa peior.

No dia em que Barros Gomes já não era Ministro, alguem que o combatera leal e rudemente n'alguns dos seus actos; alguem que elle, com a má politica ao lado a enredal-o e trahil-o, certamente, aggravara no que o trabalhador sincero, mais acaricia e estima; alguem que tinha o direito de lhe perguntar ironicamente pelos seus amigos e africanistas da «ultima hora», foi, muito á luz do sol, procural-o na doce solidão em que elle escondia a alma attribulada pela brutal violencia, para lhe prestar chanmente, naturalmente, a homenagem invalidosa, mas insuspeita e convicta, da sua justiça e da sua estima.

Isto hoje nada valeria. Agora que a trovoada esqueceu e passou, que os cortesãos voltaram, que uns annuncios de novas elevações e grandezas roseam os horisontes, tal homenagem importa bem pouco, realmente. Muito embora.

Barros Gomes é o homem do *ultimatum*, é; quer dizer é o homem que tentou ainda, n'um esforço desesperado e tardio, — era d'elle acaso, ou era d'elle sómente a culpa da tardança? — salvar a casa ameaçada e cercada já pelos bandoleiros; que á velha ameaça da expropriação, á accusação presistente e infelizmente verdadeira do desleixo e do abandono, tentou responder nobremente, lealmente, com a occupação, com o sacrificio, com o trabalho, todo em proveito exactamente d'esses bellos ideaes de humanidade e de civilisação aos quaes nos pintavam como teimosamente, intransigentemente, avessos. Elle sabia bem, não podia ignorar, o que estava por traz d'essa pregação insistente, systematica, hypocrita. Não sabia elle, por exemplo, o que era a famosa conferencia ostensivamente anti-escravista de Bruxellas? Pois quiz que fossemos lá.

Não bastavam já as mais solemnes affirmações, os protestos mais formaes, as condescendencias e as transigencias mais perigosas. Não bastavam palavras, e realmente, demais tinhamos usado e abusado d'ellas.

Obras é que se queria; testemunhos praticos, decisivos de interesse, de energia, de acção transformadora, de influencia e de affirmação soberana. Pois bem: —davamol-os. Rapidamente, onerosamente, resgatavamos em mezes o desleixo ou a fraqueza de annos. Fixavamos e soltava-mos, sertões a dentro, a bandeira do direito culto. Abriamol-os ao commercio, á civilisação, aos algodões de Manchester, ás biblias protestantes. Não era isto que se exigia? Não nos accusavam de indolentes, não prégavam que nada faziamos?

Pois quando nos punhamos lealmente, rijamente, ao trabalho; quando documentavamos o nosso direito; quanto davamos ao mundo satisfação da nossa vontade, ameaçou-nos brutamente a força se não retirassemos diante do bandoleirismo impaciente e do selvagem embriagado. O *ultimatum* foi isto.

Ah, mas o estadista devia prever e acautelar-se. Devia. Qual é porém, a previdencia que póde medir a cobardia das nações, ou a cautela que póde contar com a versabilidade pulha da politica!

Mas se não estou fazendo biographia, menos penso em fazer *questões*. Como estadista, como homem de governo, o que eu vejo em Barros Gomes é o patriota, o estudioso, a larga e possante capacidade de trabalho, de dedicação civica, de exemplificação moral; a facil comprehensão dos problemas mais asperos e difficeis do movimento historico; a cultura intellectual, vasta e solida, que falta tão vulgarmente ao nosso pequeno pessoal politico e de que, por uma suspeita originalidade, se tem feito, entre nós, quasi um impedimento ou pelo menos uma pecha para o confiado exercicio das funcções de Governo.

—«É um sabio!»—diz-se desdenhosamente nos gremios e nas gazetas, quando se trata de um ministro que não é apenas... um politico. Mas onde e como é que se póde ser hoje um estadista sério sem uma larga e varia cultura intellectual, sem o amor e sem o habito de estudo, sem uma educação scientifica, segura e funda, sem o senso critico, a facilidade de comprehensão pratica, a capacidade de assimilação moral que sómente essa educação proporciona e garante?

É um sabio, Barros Gomes? Pois será. E até um litterato, talvez. Tambem Gladstone nas horas vagas da governança frequenta a Sociedade Asiatica e discute questões de orientalismo transcendente.

E no fim de contas, hão concordar que sempre faz menos mal á politica ser um sabio do que ser... exactamente o inverso, como tantos politicos do nosso conhecimento.

L. C

POLITICA SEM POLITICA

Ao cabo de duas semanas de discussão, a commissão de verificação de poderes que tinha de pronunciar-se sobre a eleição do sr. Conde de Burnay deu o seguinte resultado: de sete membros, tres dizem *sim*, tres dizem *não* e o septimo não diz, nem que *sim*, nem que *não*.

Portanto ha dois pareceres, dizem uns!

Não póde ser, exclamam outros. Dois pareceres equivalem a nenhum, a questão tem de soltar á commissão!

Não é assim, accode um terceiro. O presidente tem voto de desempate, e o parecer em que elle pozer o seu nome é o que representa o da maioria.

Mas em materia de consulta, adduzirá um quarto, não ha votos de desempate.

Eis o lindo estado da questão, eis o resultado da mesma desorientação d'espiritos, que ha dias fez com que a camara inteira votasse um inquerito... com a declaração de que protestava contra elle.

É o que sahirá no fim de tudo isto?

O triumpho da legalidade ou a consagração da jurisprudencia, ha mezes já apregoada pelos odios, pelas invejas, pelos despeitos, por todas essas fezes da alma humana?

Ha mais que apostem pela legalidade!

Impoliticus.

CHRONICA ELEGANTE

Nos vastos e formosos jardins da legação da Allemanha realisou-se sexta-feira a ultima das tres *garden-parties* para que a sr.ª Condessa de Bray convidára tudo o que ha de mais distincto na nossa primeira sociedade.

Foi esta talvez a ultima festa d'este anno no mundo elegante de Lisboa.

Dentro de alguns dias, estará a sociedade dispersa pelo campo, e conservar-se-hão fechados os salões até ao proximo inverno.

De todas essas elegantes festas que a nossa chronica registrou, os sumptuosos bailes dos srs. Condes de Valbom e de Magalhães, o baile *costumé* do sr. Jorge O'Neil, os deliciosos jantares e animados *raouts* semanaes da legação da Belgica e da legação do Brazil, as concorridas *matinées* da sr.ª Viscondessa de Taveiro, da sr.ª D. Anna de Serpa e de Madame Costa Motta, as recitas no formoso theatro do sr. Polycarpo Anjos, as alegres partidas de *tennis* nos jardins do sr. Bernardo de Pindella e as *garden-parties* da legação da Allemanha, resta hoje a saudade das aprasiveis horas que ali se passaram no deslumbramento da elegancia e do fausto e no encanto das curtas conversas, scintillantes de animação e de graça, entre a marca de uma quadrilha que finda e os primeiros compassos de uma valsa que se annuncia.

A ardente calma d'estes ultimos dias, que de certo continuará, se Deus no céo e Neherlesom na terra não determinarem o contrario, está exigindo a tranquillidade e a

Não bastavam já as mais solemnes affirmações, os protestos mais formaes, as condescendencias e as transigencias mais perigosas. Não bastavam palavras, e realmente, demais tinhamos usado e abusado d'ellas.

Obras é que se queria; testemunhos praticos, decisivos de interesse, de energia, de acção transformadora, de influencia e de affirmação soberana. Pois bem: —davamol-os. Rapidamente, onerosamente, resgatavamos em mezes o desleixo ou a fraqueza de annos. Fixavamos e soltava-mos, sertões a dentro, a bandeira do direito culto. Abriamol-os ao commercio, á civilisação, aos algodões de Manchester, ás biblias protestantes. Não era isto que se exigia? Não nos accusavam de indolentes, não prégavam que nada faziamos?

Pois quando nos punhamos lealmente, rijamente, ao trabalho; quando documentavamos o nosso direito; quanto davamos ao mundo satisfação da nossa vontade, ameaçou-nos brutamente a força se não retirassemos diante do bandoleirismo impaciente e do selvagem embriagado. O *ultimatum* foi isto.

Ah, mas o estadista devia prever e acautelar-se. Devia. Qual é porém, a previdencia que póde medir a cobardia das nações, ou a cautela que póde contar com a versabilidade pulha da politica!

Mas se não estou fazendo biographia, menos penso em fazer *questões*. Como estadista, como homem de governo, o que eu vejo em Barros Gomes é o patriota, o estudioso, a larga e possante capacidade de trabalho, de dedicação civica, de exemplificação moral; a facil comprehensão dos problemas mais asperos e difficeis do movimento historico; a cultura intellectual, vasta e solida, que falta tão vulgarmente ao nosso pequeno pessoal politico e de que, por uma suspeita originalidade, se tem feito, entre nós, quasi um impedimento ou pelo menos uma pecha para o confiado exercicio das funcções de Governo.

— «É um sabio!» — diz-se desdenhosamente nos gremios e nas gazetas, quando se trata de um ministro que não é apenas . . . um politico. Mas onde e como é que se póde ser hoje um estadista sério sem uma larga e varia cultura intellectual, sem o amor e sem o habito de estudo, sem uma educação scientifica, segura e funda, sem o senso critico, a facilidade de comprehensão pratica, a capacidade de assimilação moral que sómente essa educação proporciona e garante?

É um sabio, Barros Gomes? Pois será. E até um litterato, talvez. Tambem Gladstone nas horas vagas da governança frequenta a Sociedade Asiatica e discute questões de orientalismo transcendente.

E no fim de contas, hão concordar que sempre faz menos mal á politica ser um sabio do que ser. . . exactamente o inverso, como tantos politicos do nosso conhecimento.

L. C

POLITICA SEM POLITICA

Ao cabo de duas semanas de discussão, a commissão de verificação de poderes que tinha de pronunciar-se sobre a eleição do sr. Conde de Burnay deu o seguinte resultado: de sete membros, tres dizem *sim*, tres dizem *não* e o septimo não diz, nem que *sim*, nem que *não*.

Portanto ha dois pareceres, dizem uns!

Não póde ser, exclamam outros. Dois pareceres equivalem a nenhum, a questão tem de soltar á commissão!

Não é assim, accode um terceiro. O presidente tem voto de desempate, e o parecer em que elle pozer o seu nome é o que representa o da maioria.

Mas em materia de consulta, adduzirá um quarto, não ha votos de desempate.

Eis o lindo estado da questão, eis o resultado da mesma desorientação d'espiritos, que ha dias fez com que a camara inteira votasse um inquerito... com a declaração de que protestava contra elle.

É o que sahirá no fim de tudo isto?

O triumpho da legalidade ou a consagração da jurisprudencia, ha mezes já apregoada pelos odios, pelas invejas, pelos despeitos, por todas essas fezes da alma humana?

Ha mais que apostem pela legalidade!

Impoliticus.

CHRONICA ELEGANTE

Nos vastos e formosos jardins da legação da Allemanha realisou-se sexta-feira a ultima das tres *garden-parties* para que a sr.ª Condessa de Bray convidára tudo o que ha de mais distincto na nossa primeira sociedade.

Foi esta talvez a ultima festa d'este anno no mundo elegante de Lisboa.

Dentro de alguns dias, estará a sociedade dispersa pelo campo, e conservar-se-hão fechados os salões até ao proximo inverno.

De todas essas elegantes festas que a nossa chronica registrou, os sumptuosos bailes dos srs. Condes de Valbom e de Magalhães, o baile *costumé* do sr. Jorge O'Neil, os deliciosos jantares e animados *raouts* semanaes da legação da Belgica e da legação do Brazil, as concorridas *matinées* da sr.ª Viscondessa de Taveiro, da sr.ª D. Anna de Serpa e de Madame Costa Motta, as recitas no formoso theatro do sr. Polycarpo Anjos, as alegres partidas de *tennis* nos jardins do sr. Bernardo de Pindella e as *garden-parties* da legação da Allemanha, resta hoje a saudade das aprasiveis horas que ali se passaram no deslumbramento da elegancia e do fausto e no encanto das curtas conversas, scintillantes de animação e de graça, entre a marca de uma quadrilha que finda e os primeiros compassos de uma valsa que se annuncia.

A ardente calma d'estes ultimos dias, que de certo continuará, se Deus no céo e Neherlesom na terra não determinarem o contrario, está exigindo a tranquillidade e a

— Subil-as, lentamente, docemente, sorrindo, sem reparar se levamos sangue nos pés!...
— E *sem reparar* em que podemos morrer no caminho?
— Sim...
— Não tornando a vêr aquelle que adoramos?...
— *O Senhor derrubou as muralhas de Jerichó*, e os *irraelistas entraram na Terra da Promissão.*

. . . .

Beja, 23 de maio.

MARGARIDA DE SEQUEIRA.

CONSELHOS E RECEITAS DE D. CLARA

NO CAMPO

D. Clara, que não tem as pretensões de escrever cartas como *Madame de Sévigné*, referindo-se á vida no campo, que n'esta estação do anno se procura como um salutar refrigerio, escrevia á filha o seguinte:

«Vive no campo a vida do camponez. Levanta-te cedo, anda muito, nutre-te principalmente de leite, d'ovos frescos, de fructas e de bons legumes. É conveniente que te deites cedo, depois de teres gosado um pouco a serenidade das noites estivaes. Pensa-se mais e sente-se a gente melhor sob um céo puro e estrellado. A sua paz desce á nossa alma.

Tudo isto não impede que tu, como boa dona de casa, faças dôce de fructa, que assistas a uma barrela — a roupa a seccar nas arvores cheira tão bem! — que apanhes a fructa, que recolhas os ovos e que trates um pouco dos legumes.

É muito apreciavel que ao fundo da tua propriedade corra um regato, que te proporcione as delicias da pesca e as passeiatas n'um bote.

E, depois, não recebas senão amigos, visto que as recepções no campo devem ser as mais simples e as mais familiares.»

NO ENTERRO DE LAURA

Abrem-te a cova, e falam-me d'esp'rança!
Bradam-me — : «O eterno Sol! o eterno dia!»
E eu vejo sobre ti, pobre creança!
Rolar, com som tremendo, a terra fria.

Bem sei, bem sei que foste assassinada
Pela benigna mão d'um Deus sublime...
Mas se elle é Deus e eu verme, é tudo e eu nada,
Como queixar-me do espantoso crime?

Posso acurvar-me á torva lei divina,
Sem adoral-a ante o Juiz austero,
Mas beijar essa mão que me fulmina,
A mão que te esmagou, não sei, não quero!

Que mal fazias tu, filha innocente!
Ao magnanimo Deus, ao Deus augusto?!.
E elle que é bom, matou-te lentamente,
Deu-te um supplicio atroz... elle que é justo?

Já tres vezes da morte a vaga escura
Passára no meu lar — negro recife —
E eis outra vez aberta a sepultura,
Mudado o quinto berço em quarto esquife.

Nos arvoredos, nos beiraes das casas,
Por toda a parte — eu vejo passarinhos
E a mãe que escuta e canta e bate as azas
D'entorno aos fofos, palpitantes ninhos.

Nadam mil vidas n'uma gotta d'agua,
Do pollen d'uma flôr brotam mil flôres,
E ao coração d'um pae dá-se esta magua
E ao seio d'uma mãe dão-se estas dôres!

Dizem que vaes viver eternamente
Colher d'outros jardins a florea palma,
E eu sinto apenas a lethal serpente
A Duvida — enroscada na minh'alma!

Hei de orar? Mas nas sombras da Consciencia
Não me luzem, cá dentro, ignotos brilhos...
Hei-de crêr? Mas a mão da providencia
Tem garras para mim... rouba-me os filhos.

GUILHERME BRAGA.

Nempe diis superis par, insaníre feroces
Incipiunt Aediles. Mox rabies tumida aestu
Concitat ad caedes animos diffusa per artus.
Jam revomunt spumas, oculis micat acribus ignis;
Et proboso in coetu edictum immite ferentes
Infandum miserumque jubent renovare dolorem,
Nocturnosque canes captare indagine cinctos,
Ut mos, et dando illis crusta infecta venenis
Ad stygium interitu subito mox mittere fratrem.

Legati ecce espreitant nostros, somnia vana
Tranquille facientes ut qui nulla timebant.
(Bellua in antro est, et non sese condit in urbe)
Festas tunc faciunt, tunc pellum currere palma
Incipiunt, tunc voce suavi nomina chamant
Dulcia, vel animae flores, solamina tuta,
Vel desiderium pueri, pulchraeque puellae.
Vani escutantes ea sive alia horrida verba
Cum bollo mortem in buxo una mettimus acri.

Hic non ficat: saeva aedilis mente revolvens
Vult magis, atque magis praeceps agit omnia fatum.
Quidam consequitur vir gallorum ater ab illis
Horrendam canis (agricolis nam tradere cautus
Mundos et fundos promittit) carniticinam,
Extra portas: nemo intus consentiat urbe.
Hic fabricatur tabes illa vocata guanum
Saloios propter. Tunc ore effatus amicus:
Oh! fortunatos nimium sua si bona norint!

aos deuses semelhante, insano ardor lhes pasce
as entranhas edis. Logo o raivar feroz
em onda impulsa o sangue a morticinio atroz:
espumam, o furor nos olhos luz maldito,
e na infame sessão passa o sanhudo edicto,
que ordena renovar a infanda a negra dôr
de armar a rede aos cães da noite no palor:
e dando a morte usada, a codea com veneno
mandal os ao irmão que vela o Stygio ameno.

Eis legados subtis logo a espreitar-nos vem,
e nos sonhos gosando, e sem temer ninguem.
(a fera no antro jaz, não vive na cidade)
fazem-nos festa então: na voz que suavidade:
pôem nos a mão no pello, e doces nomes dão;
chamam-nos d'alma a flôr, allivio ao coração,
das creanças prazer, das lindas moças goso:
e loucos isto ouvindo ou termo mais damnoso,
mette se o bolo ao buxo e n'elle a morte vil.

Não fica tudo aqui: perversa a mente edil
mais medita, mais quer, e mais lhe ageita a sorte.
Um malvado francez, que em illudir é forte,
mundo e fundos promette ao campo, e prompto obtem
vasto açougue de cães; das portas para além
que da cidade a dentro em tal ninguem consente.
Fabríca a peste alli (guano a chama a gente)
só do saloio em prol. E amigo assim lhe diz:
Oh! soubesses teus bens, serias tão feliz!

Anniversarios da semana

Domingo 28 — As sr.as: Baroneza de Barbosa Rodrigues, D. Isabel Maria Maximiliana Bragança, D. Rosa de Castro Branco Torres, D. Maria Germana Mazzioti de Freitas, D. Amelia de Oliveira Bastos.

E os srs.: Conde Daupias, D. José Felix da Cunha e Menezes (Lumiar), Pedro Mousinho da Silveira Canavarro, Antonio Ribeiro Forbes, Luiz Soveral, Eduardo Arthur Cardoso de Lima, Nicolau Pinto Guedes (Redondo).

Segunda-feira 29 — As sr.as: D. Maria Francisca de Almeida e Portocarreiro, D. Josephina Amalia da Cruz Rozendo, D. Belmira Helena Mongiardim Costa, D. Maria Leonarda Dias da Costa Martins.

E os srs.: Pedro José Guedes da Silva, José Antonio da Costa Braklamy, Miguel Queriol, Guilherme Augusto Martins.

Terça-feira 30 — As sr.as: D. Maria da Purificação da Silva e Brito, D. Maria Domingas de Portugal Queiroz, D. Maria da Conceição Silva, D. Isabel Marianna de Sousa Canavarro Guimarães.

E os srs.: Visconde de Athouguia, Visconde de Veiros, D. Miguel de Alarcão, Adolpho Scheper Fassio, João Fernando de Sousa, Antonio Bernardo Ferreira Junior, João Eduardo de Sousa Canavarro Guimarães, Arsenio Augusto Torres de Mascarenhas.

Quarta-feira 31 — As sr.as: D Maria de Jesus Loureiro Gaspar, D. Luiza Maria Ribeiro da Costa, D. Thereza da Silva Pessanha, D. Emilia Maria Read, D. Ignez Bertha de Freitas e Oliveira, D. Henriqueta da Silva Campos, D. Maria Amalia da Cunha Rebello.

E os srs.: Fernando Eduardo de Serpa Pimentel, Joaquim do Espirito Santo e Silva.

Quinta-feira 1 — As sr.as: D. Maria Amalia Machado Castello Branco (Figueira), D. Julia da Cunha, D. Mathilde Vianna, D. Raphaela Eduarda Magalhães Coutinho.

E os srs.: Bernardino Fernandes d'Oliveira, Ayres Gago Mattoso da Camara.

Sexta-feira 2 — As sr.as: D. Joaquina d'Avilez Teixeira Pinto Basto, D. Emilia Allen, D. Maria do Ceu da Silva Pinto e Abreu, D. Raphaela Eduarda de Magalhães Coutinho.

E os srs.: Carlos Braamcamp Freire (Almeirim), Antonio de Freitas Tavares Amorim, Joaquim Maria da Cunha, Thomaz da Cunha Lima, Dr. José Maria d'Alpoim Cerqueira Borges Cabral, Antonio Galvão Mexia.

Sabbado 3 — As sr.as: D. Carolina Maria Pereira (Bessone), D. Maria da Silva Guimarães, D. Helena Vianna Dulac, D. Eugenia Gomes de Castro, D. Juliana Wanzeller, D. Adelina Moreau, D. Maria José da Gama de Sanchas, D. Adelina Simões da Silva, D. Mariana Sabina Tavares Marim, D. Maria Gertrudes Machado, D. Herminia Lobo d'Abreu, D. Maria do Carmo de Azevedo Coutinho Pereira.

E os srs.: Ernesto Vieira de Mendonça da Silva (Abrigada), Dr. Nuno da Costa Negrão, Henrique de Lima Cunha, Antonio José da Cunha Abreu Peixoto, Pedro Maria Pereira Basto.

EPHEMERIDES SEMANAES

21 — Excellente corrida de touros no Campo Pequeno, sendo o gado do afamado creador, sr. Laranjo.

22 — Regressa El-Rei de Vendas Novas.

— Jantar no paço, para solemnisar o anniversario do consorcio de SS. MM.

— Festa em S. Carlos, promovida por S. M. a Rainha em beneficio das victimas dos temporaes do Douro.

— O *Diario do Governo* publíca a lei relativa aos crédores extrangeiros.

23 — Parte para o Rio de Janeiro a companhia do theatro de D. Maria II.

24 — Inaugura-se no armazem de moveis antigos do sr. Barreiros, no largo de S Carlos, a exposição de rendas portuguezas, assistindo S. M. a Rainha.

— Estreia-se no theatro do Gymnasio a companhia dramatica hespanhola do actor Gonzalez.

25 — A commissão executiva da Grande Subscripção Nacional rejeita as propostas para a construcção de tres navios de guerra, e abre novo concurso.

26 — S. M. El-Rei parte para Vendas Novas, a assistir aos exercicios d'artilheria.

— Fica empatada na commissão de verificação de poderes a questão da eleição do sr. Conde de Burnay.

— A Sociedade de Geographia sollicita o auxilio do governo para uma expedição de inquerito scientifico aos Açores e Madeira.

— Morte do antigo deputado e par do reino electivo Francisco Simões Carneiro.

José das Kalendas.

Paupera si sola guanis tornent uberiora
Nostris: et repleant miliis granaria fulvis.
Repollos couvesque virentes albaque rapa
In loca pracae tragant ut vendenda Figueirae.
Delabi in fraudes istas gens rustica sese
Deixat; nos miseri heu! fraudes caede pagamus.

Formosam prope Palmam et grandem circiter Arvum,
Quo veteres ad cultos hortos ire solebant,
Et sedare sitim, frescasque comesse salatas,
Sorvendo copasia, dulcis munera Bacchi;
Post redeuntes in sedes uxoribus iras
Et costas simul atra oleastri rumpere virga:
Est locus umbrosus laetusque instar nemoris quem
Errantes omni foecundant tempore rivi;
Carmen ubi sonat aestivis in mensibus ales;
Luxuriatque virescens largis fructibus arbos.
Multo Moralis Soares rura namorans,
Optansque in quintas studii, granjasque modelli,
Vertere Bempostam, quae poma recusat opima,
Quam Palma nunquam invenit meliora sub urbe,
Ut pecudes timidas, armentaque obesa crearet;
Ardentes ut equos gregibus lançaret equarum;
Engordaret oves placidas, taurosque feroces;
Bombycesque daret mundo jam corpore sanos.

Thomaz de Carvalho.

(Conclue).

se pingue o sólo teu tornasse o meu guano
terias o celleiro a trasbordar todo o anno,
repolhos, couves, nabo em rimas a trazer
á praça da Figueira, e a preço bom vender.
Do campo a gente cahe nas fraudes illudida,
e nós pagamos, ai! as fraudes com a vida.

Junto a Palma louçã, do Campo Grande a par
onde nossos avós usavam ir folgar,
e a sêde saciar, comer fresca salada
sorvendo cangirões, de Baccho pinga amada;
e ao tornar ao casal, nas costas da mulher
com negro azambujeiro as iras desfazer;
um logar ha risonho, um quasi bosque em sombra
d'errantes aguas farta, e relva em verde alfombra,
onde as aves no estio o canto ás brizas dão
e da arvore copada o fructo alastra o chão.
Dos campos namorado, o bom Moraes Soares
em granjas anhelando, em quintas exemplares
a Bemposta volver, sempre a vergeis fatal
Palma em tudo prefere em torno á capital,
para o nedeo rebanho, e a vara andar folgada,
lançar os garanhões das egoas á manada,
mansa ovelha engordar, e o touro bravo; emfim
curar da seda ao bicho o grave mal ruim.

(Conclue).

THEATROS E CIRCOS

S. Carlos

Ao exito do *Fausto* succedeu-se o da *Carmen*, e ao exito da *Carmen* o da *Mignon*.

Foi esta opera cantada na sexta-feira, e colheu enthusiasticos e prolongados applausos. E a apreciação que o publico e a imprensa fizeram ao desempenho da opera de Bizet merece-a agora o desempenho da encantadora opera de Ambroise Thomás. Nunca se ouviu a *Mignon* cantada no seu conjuncto com tanta perfeição, como foi agora pelo companhia de opera comica.

Mademoiselle Tarquini d'Or não dispõe dos recursos vocaes de que dispõe Marie Vanzandt; mas consegue dar mais relevo ao papel da *Mignon*, interpreta-o com mais intenção dramatica, e nos lances patheticos revella as qualidades de uma actriz de primeira plana.

Com que mimo, com que perfeição, com que sentimento ella disse a deliciosa canção do 1.º acto:

Connais tu le pays
Ou fleurit l'oranger

e o duetto das *hirondelles*:

Ó douces hirondelles
Oiseaux benits de Dieu!

O baixo Darnaud foi irreprehensivel no papel de *Lothaire*, cantando admiravelmente e representando com muito talento.

Na parte de *Wilhelm* o tenor Gandubert, apesar de ser um papel um pouco ingrato para a sua voz, teve momentos felizes, e foi muito applaudido na romança do ultimo acto.

Os outros artistas concorreram para o exito da noite, e participaram dos merecidos e calorosos applausos com que o publico, em todos os intervallos e durante a representação, assignalou o desempenho da *Mignon*

*

Gymnasio

Foi na quarta-feira a estreia da companhia hespanhola de declamação, subindo á scena o drama em quatro actos, de D. José Echegaray, intitulado *Mariana*.

Quando esta peça do insigne dramaturgo foi representada em Madrid no começo da ultima epocha theatral, a critica ali fez-lhe os maiores elogios, confirmando assim os ruidosos applausos que mereceu aos espectadores.

Apesar, porém, dos elogios da imprensa hespanhola á *Mariana*, parece-nos que esta obra de D. José Echegaray é inferior á *Mala raza*, que o anno passado aqui vimos primorosamente representada pela companhia do actor Vico.

Não se póde deixar de reconhecer que a *Mariana* é muito bem escripta, que são bem estudados os caracteres de algumas personagens, que tem scenas urdidas com notavel engenho; mas, não obstante essas qualidades, como ella está distante das peças do moderno theatro francez! Falta-lhe aquella encantadora sobriedade que caracterisa as peças de A. Dumas, de Augier, de Daudet e de Pailleron, e que as torna tão apreciaveis, tanto quando as vemos representadas, como quando as lemos.

Bem sabemos que a *Mariana* é obra de um escriptor hespanhol para ser apreciada por espectadores hespanhoes. Explica-se assim aquella exhuberancia metaphorica do estylo, que ali prende e commove o audictorio, ainda que fique prejudicada a naturalidade do dialogo e sacrificada a verosimilhança da personagem. Aquellas longas tiradas, em que se explica o embate dos sentimentos e se definem os caracteres, são tão rhetoricas, tão recheiadas de metaphoras, que, se no primeiro momento nos encantam e surprehendem o ouvido como vigor d'estylo, deixam-nos depois uma impressão menos agradavel, porque fica a descoberto todo o artificio, e perde a personagem um tanto do seu valor. É este defeito que se não surprehende em geral nas comedias francezas. Toda a philosophia, toda a moral das obras de A. Dumas, por exemplo, resalta naturalmente no dialogo, sem que as personagens sofram na sua verosimilhança. Parece que cada uma sente o que no momento diz.

Tambem se não comprehende bem o desenlace do drama. Apparece *Mariana* como uma mulher incoherente, caprichosa e sceptica á força de desillusões e amarguras que tem soffrido.

Apaixona-se, porém, por Daniel, e ha um momento em que lhe declara que principia a sentir-se compassiva e bondosa, como se o amor despertasse no seu coração os affectos que o infortunio da sua vida tinham represado. Sendo assim, e repugnando á sua consciencia desposar o filho do homem que fôra o seductor de sua mãe, porque motivo casa com o general Pablo, continuando a amar Daniel? Seria mais coherente talvez refugiar-se n'um convento, a fim de se não arriscar a encontrar-se de novo com o homem que a adora com toda a vehemencia d'um coração apaixonado. A scena final fez-nos lembrar um pouco a ultima da *Femme à Claude*, de Dumas; mas ainda nos pareceu pouco verosimil que o general na primeira noite de nupcias andasse a passeiar pela casa de revolver em punho, e assim apparecesse armado, ao primeiro grito da esposa, quando o reclama.

A companhia é inferior á de Vico, e entre os artistas distinguem-se a sr.ª Cirera, que desempenhou o papel de *Mariana* e o sr. Carsi que desempenhou o de *D. Castulo*.

A concorrencia tem sido pouco animadora, e na segunda recita viam-se apenas tomados quatro ou cinco camarotes.

*

Colyseu dos Recreios

A companhia de operetta italiana, que está cantando n'este circo tem agradado.

Comquanto os artistas não sejam celebridades no seu genero, cantam menos mal e teem graça na interpretação de alguns papeis.

*

Real Colyseu

A empreza d'este Colyseu prepara-se para em breve abrir um parque com theatro e outros divertimentos ao ar livre, no genero do que se encontra nas principaes cidades do estrangeiro.

Estamos certos de que attrahirá grande concorrencia nas noites de calor intenso em que a assistencia n'um theatro fechado se torna devéras incommoda.

*

Nos outros theatros continuaram os espectaculos já conhecidos.

*

Praça de touros

Na corrida de hoje apparece de novo o espada *Reverte*.

Ha calor, ha poeira e ha moscas. Se a corrida com estes estimulantes não sahir bôa, muito inferior ao que se espera deve ser o curro.

Seja ella como a ultima, e terá os applausos e os elogios dos *afficionados*.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

Une dame arrivant de Paris désire donner des leçons particulières de français, d'anglais et de piano. Adresser les lettres, M. T. 33 Rue de Ouro 30, bureau d'annonces.

PRIX D'HONNEURS ET 60 MEDAILLES AUX EXPOSITIONS

Aux Fleurs de Nice

246-248, Rua Aurea—LISBONNE

M.me Louise

BOUQUETS ET PIECES MONTÉES

Guarnitures pour Bals et Soirées

EXPEDITIONS POUR TOUS PAYS

A LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

Grand assortimento de corbeills et plants

M. LATHALISE

RUA DO PRINCIPE E PRAÇA DOS RESTAURADORES — **LISBOA**

Casa filial no Porto: Rua de Sá da Bandeira, 251

ARTIGOS DE NOVIDADE

PITTA, CAMISEIRO

LISBOA

195, RUA AUGUSTA, 197

A. GODEFROY

COIFFEUR, 80 A 86 = CHIADO

PARFUMERIE

DES MEILLEURS MAISONS DE FRANCE ET D'ANGLETERRE

ARTICLES de Toilette de Voyage et de Theatre

JERONYMO MARTINS & F.º

13, RUA GARRETT, 15

CHAMPAGNE-POMMERY

ESPECIALIDADES:

QUEIJOS CAMEMBERT E ROQUEFORT

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio.** **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1